

BERNARDES, José Augusto Cardoso – *Oficina de Camões. Apontamentos sobre Os Lusíadas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2022 (ISBN 978-989-26-2247-7)

Nos 450 anos da publicação de *Os Lusíadas* nos prelos de António Gonçalves, o livro de José Augusto Cardoso Bernardes *Oficina de Camões. Apontamentos sobre Os Lusíadas* tem todas razões para poder ser considerado a melhor das formas de celebrar e evocar o poeta e os seus versos. Estamos perante um conjunto de estudos, alguns já publicados, mas agora revistos de forma a que a obra funcione como um «todo», que visa examinar a «tradição» dos estudos camonianos em torno de um núcleo de questões essenciais: “o que deve ensinar-se hoje sobre *Os Lusíadas* numa Faculdade de Letras? O que tem ainda para nos dizer um texto fundado em valores estéticos tão afastados do nosso tempo? Como levar jovens universitários a interessarem-se verdadeiramente por um autor que há 500 anos foi poeta e soldado? (p. 19). Nas palavras do autor, o texto constitui-se como «um guião de estudo» (p. 22), desenvolvendo temas que percorrem um itinerário camoniano desde a exploração do sempre debatido problema das edições – a «guerra dos pelicanos» – enunciando as questões fundamentais (duas edições, apenas uma? Duas edições no mesmo ano ou em anos diferentes?) até ao percurso teórico de camonistas notáveis: Vítor Aguiar e Silva, Vasco Graça Moura, Jorge de Sena, Eduardo Lourenço. O livro, quem sabe evocando os dez cantos de *Os Lusíadas*, tem dez capítulos: seis sobre o texto e as suas «incertezas» que examinam no ponto I «A oficina de Camões (apontamentos sobre *Os Lusíadas*», II – A «Dedicatória» de *Os Lusíadas* e o «caso» de Inês de Castro, o III – «Feitos grandes de alta prova»: os Doze de Inglaterra e a ética cavaleiresca em *Os Lusíadas*, o IV – «O Reino de Cristal, líquido e manso»: derivas de utopia na épica camoniana, o V – Os «altos manjares excelentes», os «vinhos odoríferos» e a ideia camoniana de redenção, o VI – As estâncias finais de «*Os Lusíadas*» ou o nunca ouvido canto de Camões. Os quatro restantes podem dividir-se em dois grupos. No primeiro, constituído pelos apartados VII e VIII, José Augusto Cardoso Bernardes escreve, respectivamente, sobre «Vasco Graça Moura com Camões... No comboio rápido» e sobre «Eduardo Lourenço e Camões», enquanto nos dois últimos reflecte sobre «A Epopeia camoniana nos prelos portugueses do século XX» (ponto IX) e sobre «O ensino de Camões: aproximações a um problema maior» (X).

O título escolhido pelo autor para a obra ajuda a acentuar uma

perspectiva unificadora dos vários textos aqui recuperados, traduzida no destaque conferido à “arte” de Camões. Considerando o binómio “engenho e arte” (na formulação do autor de *Os Lusíadas*), a tradição hermenêutica de raiz romântica tende geralmente a exaltar a “genialidade” do épico, identificando-o com o modelo do poeta romântico superiormente inspirado, de discurso espontâneo e fácil. Cardoso Bernardes prefere uma abordagem mais consentânea com os princípios poéticos quinhentistas, os quais preconizam a necessidade do “honesto estudo” e profundo domínio da “technê” retórica para que o autor bafejado pelo divino privilégio da “inspiração” ascenda à condição de verdadeiro Poeta. Ainda que o ideal seja o equilíbrio, o nosso mais importante promotor dos ideais estéticos renascentistas no âmbito da prática poética – António Ferreira – vai ao ponto de deixar explícita, na carta que dirigiu ao jovem Diogo Bernardes, a sua preferência por aqueles autores menos inspirados que, no entanto, se dedicam arduamente a dominar a arte da composição literária:

*Questão foi já de muitos disputada,
s’ obra mais em verso a arte mais, se a natureza:
ũa sem outra val pouco, ou nada.*

*Mas eu tomaria antes a dureza
daquele que o trabalho, e arte abrandou,
que destoutro a corrente, e vã presteza.¹*

Evidentemente, o humanismo do Renascimento estabelece a divina inspiração como condição imprescindível para que alguém possa ser considerado Poeta. Mas salienta também que ela não é suficiente. No caso de Camões, torna-se importante chamar a atenção dos leitores para o extraordinário trabalho oficial que a elaboração do poema épico nacional exigiu. Esta perspectiva é particularmente saliente no primeiro núcleo da publicação, formado pelos seis estudos acima referidos. Neles, José Augusto Cardoso Bernardes toca a temática da cronologia da composição do poema, prestando, no entanto, uma particular atenção aos «polos de hesitação em que assentou a sua génese» e destaca em vários episódios da epopeia a relação entre a História e o mito, nos casos de Inês de Castro, Adamastor, Velho do Restelo e os Doze de Inglaterra. Debruça-se sobre o carácter técnico-formal, a natureza do herói, no caso específico do

Adamastor, lendo-o como um «episódio composto» de «dimensão épica, lírica e trágica», acentuando as múltiplas leituras suscitadas pelos versos camonianos numa tentativa, bem-sucedida, de compendiar os vários olhares sobre uma figura que, de muitos modos, também representa a concentração de todos os medos e temores que o «imaginário» do Atlântico tinha despertado ao longo da Idade Média. Ao examinar a «oficina estética», espelhada na organização arquitetural do poema, José Augusto Cardoso Bernardes explora, inspirado na importância que Vítor Aguiar e Silva atribuiu a D. Sebastião – «a presença de D. Sebastião n’ *Os Lusíadas* é avassaladora» –, as diferentes consequências desta asserção e mostra, provando com uma sólida estrutura argumentativa, que, sendo a Dedicatória o «vínculo entre arte e história» (p. 51), Camões escolhe os «episódios» da história de Portugal em função da pauta de um «regimento de príncipes»: «é a D. Sebastião que Camões conta histórias como a de Inês de Castro e a do Adamastor». Lembra, com pertinência, as doutrinas e correntes proféticas do tempo, sublinha uma linhagem, a de D. Sebastião, que Camões liga a D. Afonso Henriques e à ideia de um reino nascido por vontade divina. Nestes capítulos, José Augusto Cardoso Bernardes espelha um património de saberes que, permitindo-lhe olhar *Os Lusíadas* pela lente da centralidade de D. Sebastião, clarifica a organização dos diferentes episódios e projecta potencialidades semânticas diversas: funcionando no paradigma dos «espelhos de príncipes», parece claro que se escolham exemplos como Ourique e os mitos fundadores da nacionalidade, Salado, Aljubarrota, e, na moldura comportamental dos atributos e qualidades dos príncipes «exemplares», o episódio de Inês de Castro, onde se equaciona o amor e a «razão de estado», equilibrado com as virtudes cavaleirescas dos «Doze de Inglaterra», formando, no seu conjunto articulado, uma enciclopédia de saberes que permite saber governar. As considerações explanadas por José Augusto Cardoso Bernardes clarificam a «estrutura» do poema, as metamorfoses da escrita, facultando leituras e interpretações fundamentadas dos diferentes episódios.

Os dois núcleos restantes parecem excêntricos relativamente à perspectiva dominante. Oferecem, no entanto, propostas complementares, seja de natureza didáctica – o último capítulo, dedicado a esse «problema maior» que é o ensino de Camões – funciona como uma proposta de “oficina” de leitura da epopeia camoniana, exemplificada com recurso ao episódio de Inês de Castro –, seja de ordem histórico-cultural, lembrando e homenageando dois especialistas já desaparecidos, aos quais muito devem os estudos em torno do nosso maior épico. Mais do que assinalar simplesmente uma efeméride, o volume de estudos

¹ António Ferreira, *Poemas Lusitanos. Ed. crítica, introdução e comentário de T. F. Earle*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p.306.

agora reunidos por Cardoso Bernardes vem, assim, contribuir para confirmar o leitor, uma vez mais, naquela mesma certeza que o próprio autor afirma, no seu texto de apresentação: «para quem estuda literatura com verdadeiro gosto, ler e estudar Camões constitui garantia de benefício» (p. 15).

Zulmira C. Santos
CITCEM – FLUP
Luís Fardilha
CITCEM – FLUP

O grupo «Sociabilidades e práticas religiosas», integrado no CITCEM, desenvolveu as suas atividades de acordo com as seguintes linhas e temas de investigação:

1. Organização do Seminário Permanente 2022/2023: «Redes sociais e de espiritualidade»

Estas reuniões tiveram a participação de investigadores e especialistas do CITCEM e de outras unidades de investigação, no quadro de uma colaboração científica e pedagógica com a FLUP para a formação de estudantes de pós-graduação. Promovendo uma abordagem interdisciplinar, esta atividade permitiu focar a temática em causa a partir de diferentes ângulos de análise, contribuindo para diversificar e enriquecer a formação dos estudantes de pós-graduação e para obter um conhecimento mais completo e preciso do objeto de estudo.

Os seminários tiveram uma periodicidade mensal e foram distribuídos da seguinte forma:

- María González Díaz (Universidad Complutense de Madrid): «Mas ia tiempo es que enbíe el Señor su ángel con azotes»: la influencia de las criaturas celestes en María de Ajofrín (?-1489)» (10/05/2022);
- Joana Lencart (CITCEM – FLUP): «Uma questão de família: o rei e os governadores das Ordens Militares portuguesas. Redes sociais nos séculos XV e XVI» (20/05/2022);
- Pedro Lage Correia (Centro de História – FLUL): «Em busca de uma solução para o Japão. Entre espiritualidade e ‘accommodatio’: as divergências na missão jesuíta (séc. XVI)» (03/06/2022);
- Estelle Garbay-Velázquez (Université de Bourgogne): «El manuscrito MSS/74 (BNE) y la difusión de la espiritualidad del Recogimiento franciscano en la Castilla del siglo XVI» (09/09/2022);
- João Carlos Serafim (CITCEM – FLUP): «Malfadados livros - a confiscada biblioteca de D. Vicente Nogueira (1633)» (23/09/2022);
- Rosa María Sánchez (CITCEM – FLUP): «Divas no convento? Cantoras e organistas no Convento de Sta. Clara do Porto» (04/11/2022);
- António Camões Gouveia (FCSH – UNL): «As relíquias, pequenos objetos e muitas pessoas» (25/11/2022).